



A recepção das ideias de Marx e Engels na Rússia¹

Daniilo Chaves Nakamura²

O contato de Marx e Engels com a produção intelectual, com a realidade e com a militância russa começou cedo. No início de 1843, a Gazeta Renana, jornal que Marx trabalhava, foi fechada depois de pedido do czar russo, em consequência de um violento artigo contra o poder autocrático. Em 1844, Marx publicou, junto com diversos emigrados, Bakunin entre eles, o primeiro e único fascículo dos Anais Franco Alemães. Durante as revoluções de 1848, Marx escreveu artigos sobre o papel contrarrevolucionário da Rússia czarista na geopolítica da época. Em fevereiro do mesmo ano, Engels escreveu artigos criticando o pan-eslavismo de Bakunin. Mas nesses anos, Marx não tinha uma análise consistente da realidade social russa, o contato com os russos se deu basicamente pela situação em comum de refugio político. E as interpretações geopolíticas visavam sempre apontar para uma reabertura do processo revolucionário da chamada Primavera dos Povos.

No ano de 1854, Marx - trabalhando para o *New York Daily Tribune* - publicou uma série de artigos sobre a Guerra da Criméia, conflito entre os Impérios Russo e Otomano que envolveu as potências europeias (França e Inglaterra, mais especificamente). Entre 1856 e 1857 Marx escreveu *Revelações da história diplomática do século XVIII*, textos em que Marx analisa a influência russa na diplomacia europeia, a inglesa em especial.

Em 1868, Marx é informado por Danielson, *narodnik* russo, de que *O Capital* seria traduzido para o russo. No ano seguinte, Marx começou a aprender russo depois de receber também de Danielson o livro *Situação da classe operária na Rússia*, de Fleróvski. Nesse período, Marx passou a ser bastante lido nos ciclos de debate da *intelligentsia* russa. No início da década de 70, cresceu a hostilidade de Marx e Engels em relação à Bakunin no interior da AIT (Associação Internacional dos Trabalhadores).

Em 1873, Marx avançou ainda mais nos estudos sobre a Rússia, lendo as obras de Tchitchérine e Bieliaiev sobre o desenvolvimento histórico das comunas. No ano seguinte, entrou em contato com Lavrov, *narodnik* redator da revista *Vperiod* e influente na campanha "ir ao povo". Engels, em 1875, escreveu *A questão social na Rússia* em resposta a *Carta aberta ao Sr. Engels*, de Tkatchev. Maxim

¹ Texto originalmente apresentado como Comunicação no Seminário "Cem anos que abalaram o mundo" em 03 de outubro de 2017.

² Mestre em história econômica pela Universidade de São Paulo.



Kovalevski, estudioso das comunas rurais russas, passou a ser hóspede frequente de Marx. Em 1877, Marx debateu sobre o desenvolvimento da Rússia com Mihailoviski.

No início de 1879, Marx comentou uma carta de Danielson comparando o desenvolvimento da Rússia com o dos Estados Unidos. Em novembro, ele iniciou mais leituras sobre a Rússia, entre as quais *Propriedade Comunal Rural*, de Kovalevski. Em carta a Sorge, Marx comentou a prática dos *narodniki* russos que arriscavam suas vidas em ações diretas enquanto “o partido, chamado da propaganda” residia em Genebra e condenava toda ação. Em 1880, o *narodnik* Morozov visitou Marx para explicar a cisão do partido *Zemlia i Volia*. No ano seguinte, Marx leu uma série de autores russos que descreveram o desenvolvimento econômico após a libertação dos servos: Skrebitski, Golovatchov, Skaldin, Danielson, Janson, Tchernichevski. Em fevereiro de 1881, Marx também respondeu a carta de Vera Zasulich sobre o que ele pensava do futuro das comunas rurais na Rússia. Em abril de 1881, escreveu para Jenny sobre o assassinato do czar Alexandre II. Em 1882, leu outros autores russos (Sémevski, Issaiev, Mineiko, Vorontsov). Nesse período, Marx estava totalmente interado das questões relacionadas a organização dos partidos e tinha a Rússia como um dos seus principais objetos de estudo.

Depois da morte de Marx, Engels continuou mantendo diálogo com os *narodniki* e com revolucionários que viriam a fundar o Partido Social Democrata Russo. Além de Danielson, G. Plekhanov passou a ser um importante interlocutor nos debates sobre o desenvolvimento econômico e sobre a organização partidária na Rússia.³

Feito essa breve cronologia da interação de Marx e Engels com o “caso russo”, gostaria de destacar o debate de Marx com os russos sobre sua principal obra, *O Capital*. Para depois fazermos algumas considerações sobre a necessidade de uma postura crítica (marxista) em relação à Revolução Russa.

***O Capital* de Karl Marx na Rússia**

“Ninguém se atreve a levantar a voz contra Karl Marx sem atrair a ira de seus jovens admiradores”.⁴ Essas palavras ditas pelo liberal russo Kizhnik, na década de setenta do século XIX, pode causar certa confusão quando pensamos na

³ RUBEL, M. *Crônica de Marx*. São Paulo: Editora Ensaio, 1991.

⁴ FIGES, O. *La Revolución Rusa (1891-1924) – La Tragedia de um Pueblo*. Barcelona: Edhasa, 2006, p. 178.



recepção das ideias de Marx e Engels na Rússia. Se, por um lado, é certo que depois do fracasso da campanha “ir ao povo” com sua ingênua idealização dos camponeses russos, as ideias marxistas aos poucos foram ganhando força dentro dos círculos da *intelligentsia* radical russa, por outro lado, precisamos entender que elas foram lidas e apropriadas de forma bastante crítica ao longo do XIX e início do XX. Entender isso é importante para questionarmos como as ideias que foram debatidas de maneira viva por intelectuais e trabalhadores russos pôde se tornar uma ideologia petrificada de Estado.

Como se sabe, os escritos anteriores de Marx e Engels foram proibidos pela censura czarista, tendo o mesmo destino de livros considerados perigosos pelo poder autocrata russo (*Ética*, de Spinoza; *O Leviatã*, de Hobbes e *Filosofia da história* de Voltaire). No entanto, *O Capital*, um pesado tomo de 674 páginas de crítica da economia política, chegou à Rússia em março de 1872 e, por ser considerado demasiadamente difícil e abstruso para ser sedicioso, foi liberado pelos censores.⁵ Concluiu um dos censores: “É possível estabelecer com clareza que muito pouca gente na Rússia o lerá, e que menos ainda o entenderá”.⁶ Assim sendo, a Rússia foi o primeiro país a publicar *O Capital*, cinco anos depois da edição original de Hamburgo e quinze anos antes da primeira edição em inglês.⁷ Mas diferente do que o censor pensava, a publicação teve um êxito imediato. Sua primeira edição, de 3.000 exemplares, foi vendida em um ano (a primeira edição alemã de 1.000 cópias precisou de cinco anos para ser vendida).

A *intelligentsia* russa passou a debater com entusiasmo a *magnum opus* de Karl Marx. Eslavófilos e ocidentalistas destacavam os horrores da exploração capitalista descritos no capítulo sobre a “assim chamada acumulação originária” e discordavam sobre a inevitabilidade desse processo histórico. Em outras palavras, *O Capital*, que na Europa Ocidental representava uma análise de um ciclo histórico já concluído, apresentava para a Rússia o quadro de um futuro ainda a percorrer. E essas interações entre passado-presente, na Europa e presente-futuro, na Rússia transformavam o discurso científico da obra num dilema político e moral (por parecer uma síntese integradora sobre a qual era vão querer lutar contra) para os socialistas russos. Assim sendo, eles buscavam, a partir desse debate, entender se seria possível salvar as comunas rurais que, apesar do acelerado desenvolvimento econômico ainda era uma organização social espalhada por quase todo o Império.

⁵ Idem, p. 179.

⁶ Idem.

⁷ Idem.



Esse contexto histórico do império czarista dava argumentos para que os russos questionassem os chamados capítulos históricos de *O Capital*. Mikhail Bakunin, apesar de bastante elogioso, escreveu:

Há muito tempo já que esta obra deveria ter sido traduzida para o francês, pois nenhuma outra, que eu saiba, contem uma análise tão profunda, tão luminosa, tão científica, tão decisiva e, se assim me posso exprimir, tão implacavelmente desmascaradora, da formação do capital burguês e da exploração sistemática e cruel que este capital continua a exercer sobre o trabalho do proletariado. O único defeito desta obra, perfeitamente positivista, por mais que isso desagrade a *La Liberté*, de Bruxelas – positivista no sentido de, fundado sobre um estudo aprofundado dos fatos econômicos, não admitir outra lógica senão a dos fatos –, o seu único defeito, digo eu, é o de ter sido escrita em parte, mas em parte somente, num estilo demasiado metafísico e abstrato, que terá sem dúvida induzido em erro *La Liberté*, de Bruxelas, e que torna a sua leitura difícil e quase inacessível à maior parte dos operários. No entanto, seriam sobretudo, os operários quem a deveriam ler. Os burgueses não a lerão nunca, ou, se a lerem, não quererão compreender, e, se a compreenderem, nunca falarão dela; pois esta obra é, nada mais nada menos, uma condenação à morte, cientificamente motivada e irrevogavelmente pronunciada, não contra eles como indivíduo, mas contra a sua classe⁸.

Bakunin afirmava que a obra de Marx era positivista porque só admite a “lógica dos fatos”. Crítica parecida com a de Nikolai Mihailoviski outro importante representante dos movimentos *narodniki*. Influenciado pela crítica do economista Juli Jukovski à obra de Marx, Mihailoviski escreveu *Karl Marx sob o julgamento do Sr. J. Jukovski* (ou *O dilema do marxismo russo*). Neste artigo, o russo acusou Marx de ter uma filosofia eurocêntrica e otimista da história. Para ele o capítulo sobre a acumulação originária poderia ser entendido como uma condenação da tentativa dos russos de encontrar um desenvolvimento diferente do seguido pela Europa Ocidental, ou seja, salvando as comunas rurais e evitando a expropriação dos meios de produção. Nas palavras do autor:

Na realidade, Marx está convencido de que a renovação da Europa não necessita de quaisquer intervenções externas, pois esta renovação deve resultar do processo interno de socialização do trabalho. Para ele é fácil usar da ironia, pois a parte mais dolorosa do processo já foi cumprida na Europa. Mas a nossa situação é muito diferente. Todas aquelas “mutilações de organismos de mulheres e crianças” ainda estão por aparecer em nosso caminho. Contudo, do ponto de vista da teoria histórica de Marx, nós não deveríamos protestar contra elas, pois isto seria o equivalente a agir contra nosso próprio interesse; e mais, deveríamos saudá-las

⁸ BAKUNIN, M. **Revolução social ou ditadura militar**. Lisboa: Arcádia, 1975.



com alegria como degraus necessários, ainda que árduos, na subida em direção ao templo da felicidade⁹.

Mihailoviski, assim como Bakunin, leu o capítulo histórico da *Assim Chamada Acumulação Originária* como um capítulo propriamente historiográfico (de História) e não como uma história externa (processo de separação entre trabalho e propriedade no período dos cercamentos na Inglaterra) que é incorporada ao conceito de capital como pressuposição para a auto-reprodução do sistema. Sem entendê-lo dentro da apresentação sistemática de *O Capital*, o capítulo apareceu para o russo como uma “filosofia da história” que condenaria a Rússia a viver o mesmo processo do Ocidente. Em resposta ao russo, Marx negou fazer filosofia da história e restringiu o alcance das análises de *O Capital* à história da Europa Ocidental. Para ele, somente estudando separadamente cada um dos casos e comparando-os é que se poderia encontrar “a chave do fenômeno, mas nunca chegaríamos a ela com o *passé-partout* de uma teoria histórico-filosófica geral, cuja suprema virtude consiste em ser supra-histórica”.¹⁰

Em fevereiro de 1881, de Genebra, a militante Vera Zasulich procurou consultar Karl Marx por meio de uma carta. A pergunta dela era a seguinte:

A comuna rural – liberada das excessivas pressões fiscais, das indenizações aos grandes proprietários rurais e da arbitrariedade administrativa – será capaz de desenvolver o caminho socialista, isto é, de organizar gradualmente sua produção e a divisão de seus produtos em bases coletivas (...) ou, ao contrário, a comuna está condenada a ruína¹¹.

Marx, em seus rascunhos, retoma seus estudos etnológicos para descrever como as comunas de tipo arcaico sobraram apenas alguns exemplares dispersos na Europa Ocidental. Mas a Rússia, diz ele: “É caso único na Europa”, pois de forma diferente, “ela [a comuna] se manteve como forma quase predominante da vida popular e estendida sobre um imenso império”.¹² Entretanto, ele argumenta:

⁹ MIHAILOVSKI, N. O dilema do marxista russo. In: **Dilemas do socialismo – A controvérsia entre Marx, Engels e os populistas russos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982, p. 163.

¹⁰ MARX, K. à redação de *Otietchestvienniie Zapiski*. In: **Dilemas do socialismo – A controvérsia entre Marx, Engels e os populistas russos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982, p. 168.

¹¹ ZASULICH, V. Vera Zasulich a Karl Marx em 16 de fevereiro de 1881. In: **Dilemas do socialismo – A controvérsia entre Marx, Engels e os populistas russos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982, p. 173-4.

¹² MARX, K. Primeiro rascunho – fevereiro e março de 1881. In: **Dilemas do socialismo – A controvérsia entre Marx, Engels e os populistas russos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982, p. 179-9.



A senhora sabe perfeitamente que hoje a própria existência da comuna russa está ameaçada por uma conspiração de interesses poderosos. Esmagada pelas exações diretas do Estado, explorada fraudulentamente pelos capitalistas intrusos, comerciantes etc., e pelos 'proprietários' fundiários, ela é, ainda por cima, minada pelos usuários das aldeias, pelos conflitos de interesses provocados em seu próprio seio em consequência da situação a que foi levada¹³.

Marx escreveu quatro esboços antes de remeter a carta para a russa. E, como sabemos, a resposta que chegou à Zaslulich foi bastante sucinta. De forma muito parecida à resposta dada para Mikhailovski quatro anos antes, Marx restringiu as formulações d'*O Capital* à Europa Ocidental. E, portanto, ele afirmou não ter uma resposta consistente, nem a favor nem contra a vitalidade da comuna rural. Porém, continua Marx, "os estudos sobre o tema tinha o convencido de que a comuna é o ponto para a regeneração social na Rússia".¹⁴ A pergunta que fica é: o que Marx entendia por "regeneração social na Rússia"? Nesses escritos, Marx, dentre outras coisas, não formula nada sobre as revoltas camponesas que aconteceram ao longo da história russa. Nos rascunhos, ele apenas diz que a salvação da comuna não é uma questão teórica, mas sim uma questão prática, ou seja, "um inimigo a derrotar". "Para salvar a comuna", prossegue Marx, "é preciso uma revolução russa". E para a revolução russa acontecer, "a parcela inteligente" deveria "concentrar todas as forças vivas do país para assegurar um livre curso à comuna rural".¹⁵

Como os exemplos citados acima demonstram - longe de uma obra que viria a se transformar em uma obra acabada e irretocável dentro da ideologia do Estado soviético - *O Capital* era fruto de um esforço intelectual que buscava se criticar constantemente. Como podemos averiguar nos prefácios e posfácios das edições seguintes, Marx não se furtou de rever seus pontos de vista, ou ainda, de debater as passagens que, de início, não pareciam claros para seus leitores. No entanto, o uso político instrumental da obra de Marx obscureceu essa preocupação do autor e excluiu esse importante debate sobre a recepção dela na Rússia. Vulgaridade que Marx enquanto vivo procurava rejeitar: "Uma pessoa que procure não se apropriar da ciência a partir dela mesma (por mais que o faça de modo errado), mas

¹³ Idem, p. 183.

¹⁴ MARX, K. Karl Marx a Vera Zaslulich em 8 de março de 1881. In: **Dilemas do socialismo – A controvérsia entre Marx, Engels e os populistas russos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982, p.188.

¹⁵ Idem, p. 185.



acomodá-la ao ponto de vista emprestado de interesses externos, estranhos e alheios a ela, eu a chamo de 'vulgar'".¹⁶

Um olhar crítico para analisar as revoluções

Marx e Engels, principalmente no final de suas vidas, apostavam que – com a degradação das condições sociais na Rússia – uma revolução social era iminente. Mas, como sabemos, eles não viveram o tempo necessário para presenciar as revoluções russas de 1905 e fevereiro e outubro de 1917. Mas como vimos acima, enquanto estiveram vivos, os dois não deixaram de estabelecer um amplo diálogo com a militância revolucionária, de estudar para melhor compreender a singularidade do desenvolvimento do capitalismo na Rússia e de criticar e/ou valorizar a ação dos partidos revolucionários. Longe de uma profecia, seus escritos foram cautelosos o suficiente para apontar um futuro aberto para os camponeses e trabalhadores russos.

No entanto – em nosso entendimento – os especialistas, incluso os marxistas, que viveram o período revolucionário e/ou tiveram condições de analisar o processo a *posteriori* não mantiveram o mesmo espírito crítico da dupla. E, sendo assim, passados 100 anos da revolução, ainda não temos uma análise crítica, uma explicação à altura do que Marx fez quando, por exemplo, presenciou as revoluções de 1848 na Europa ou a Comuna de Paris de 1871. Só para deixarmos mais claro, vale lembrar que nos textos sobre a Comuna de Paris, Marx elencou as medidas dos *communards* em relação à organização do trabalho, ao fim dos privilégios da classe média, à segurança pública, à escolha de representantes e ao armamento da população, em suma, a quebra do monopólio do poder nas mãos do Estado. E assim pode concluir:

(...) essas medidas era a reabsorção, pelas próprias massas populares, do poder estatal como suas próprias forças vitais em vez de forças que a controlam e subjagam, constituindo sua própria força em vez da força organizada de sua supressão -, a forma política de sua emancipação social, no lugar da força artificial da sociedade erguida por seus inimigos para sua opressão¹⁷.

Ainda que o processo russo tenha se desenvolvido numa sociedade completamente diferente, vale perguntar: Onde mais poderíamos localizar esse processo de reabsorção do poder estatal pela sociedade, senão nas organizações

¹⁶ MARX, K. Zur Kritik der Politischen Ökonomie (Manuskript 1861-1863). Theil 3: Theorien über den Mehrwert. In: **MEGA, II/3.3**. Berlin, 1978.

¹⁷ MARX, K. **A Guerra civil na França**. São Paulo: Boitempo, 2011, p. 129.



dos trabalhadores? E nesse sentido, qual foi o destino das organizações autônomas dos trabalhadores no processo de fortalecimento do poder bolchevique? Longe de querer dar conta da tarefa necessária de analisar de forma crítica a Revolução Russa, a seguir, pontuaremos na forma de intenção de pesquisa, alguns pontos que deveriam ser evidentes para uma crítica marxista do processo revolucionário. Para nós, os três pontos elencados abaixo são centrais para entendermos como, em poucos meses, a revolução pôde ser travada e regredir para uma economia estatal de comando sob a tutela de um Partido/Estado:

- **Questão camponesa:** os camponeses na Rússia tinham um longo histórico de revoltas contra o poder czarista. Logo após a revolução de fevereiro 1917, eles passaram a ter um papel ativo, ocupando terras e expropriando propriedades da nobreza e da Igreja. Assim como os trabalhadores das cidades, criaram organizações autônomas (comitês de terras e *soviets* de camponeses). No entanto, em 9 de maio de 1918, o *VTsIK* (Comitê Central de Toda Rússia) deu poderes extraordinários ao *Narkomprod* (Comissariado do Povo para o Abastecimento) para usar a força contra o que chamavam de “burguesia rural”, dada como “especuladora” sobre os estoques de grão. Em 11 de junho de 1918, formaram-se os primeiro *kombiedi*, comitês de camponeses pobres. A criação desses comitês estava ligada ao desabastecimento das cidades e não ao combate ideológico que Lênin, vez ou outra, procurou levantar como justificativa. Em novembro de 1918, Lenin assumiu o caráter artificial desses comitês, quando declarou: “decidimos cindir o campo”.¹⁸ Deixando de lado o fato secundário da artificialidade desses comitês, o envio de destacamentos armados das cidades para recrutar camponeses miseráveis e lançá-los ao saque de “todo o excedente” da produção agrícola é um fator de regressão política no campo. Isso porque os alvos desses ataques eram os *soviets* camponeses (dominados pelos camponeses médios), herdeiros dos comitês da terra, que haviam feito a revolução.
- **Organização das fábricas:** em meados de 1918, os comitês de fábricas, que surgiram de forma espontânea para controlar os atos dos patrões, foram transformados em comitês de ‘gestão de fábricas’. Transformar comitês de fábrica em comitês de gestão significa inverter o sentido de seu

¹⁸ LENIN, V. Discurso pronunciado en una reunión de los Comités de Campesinos Pobres de las provincias centrales (8 de noviembre de 1918), **Obras Completas**, tomo 37, p. 183.



movimento, ou seja, corresponde a transformar órgãos do movimento operário em órgãos do processo produtivo. E entre os dias 20 e 27 de janeiro de 1918, o Primeiro Congresso Pan-Russo dos Sindicatos subordina os sindicatos ao Estado. A grande preocupação era a disciplina do trabalho e a produtividade. Isso significa fazer os sindicatos desempenharem uma função contrária a sua natureza, que é a de colocar-se como instrumento de negociação dos trabalhadores por melhores condições de trabalho e bons salários.

- **Democracia:** para além da clássica discussão sobre o fechamento da Assembleia Constituinte, em 14 de junho de 1918, o *VTsIK* excluiu “os SRs de direita e os mencheviques das suas fileiras por motivo da sua associação como ‘contrarrevolucionários notórios’ que ‘procuravam’ ‘organizar ataques armados contra os operários e os camponeses’ e recomendava a todos os *soviets* que os excluíssem, eliminando-os deste modo virtualmente da participação na máquina governamental”. Nesse momento, os bolcheviques ficaram sem rivais, como partido dominante no Estado, além de possuírem a *Tcheka* (Comitê Extraordinário) um órgão policial de poder absoluto para reprimir os opositores.

Se Marx e Engels estavam certos em dizer que uma revolução social é uma *Revolution in Permanenz*¹⁹, ou seja, um processo social que deve levar às últimas consequências a expropriação das classes dominantes, até que a classe mais ao fundo da sociedade alcance a liberdade diante de um sistema social de exploração, na Rússia, esse processo além de garantir que os produtores da cidade pudessem se associar livremente, precisaria – necessariamente – chegar ao campo russo. Por ser uma revolução verdadeira e legítima, a Revolução Russa de 1917 alcançou os camponeses, mas cedo eles passaram a ser vistos como seres passivos da revolução, quando não, contrarrevolucionários.

Em nosso entendimento, os fatos que indicam a capacidade de auto-organização dos trabalhadores do campo e da cidade deveriam demonstrar – para qualquer marxista – que as massas estavam bem à frente dos bolcheviques, quando criavam seus próprios órgãos de emancipação. Os *soviets* urbanos e rurais, os comitês de terras e os sindicatos eram formas que os trabalhadores encontraram

¹⁹ Essa expressão aparece em: MARX, K., ENGELS, F. **Ansprache der Zentralbehörde an den Bund vom März 1850**, MEW, vol. 7, Berlim: Dietz Verlag, 1956, p. 254, e MARX, K. **Die Bakunisten an der Arbeit: Denkschrift über den Aufstand in Spanien im Sommer 1873**, MEW vol. 18, p. 481.



para quebrar o poder estatal czarista e só poderiam ser essas organizações o núcleo para “a reabsorção do poder pelas próprias massas”. No entanto, foi o Partido/Estado e não essas organizações que se tornou a base para o socialismo na Rússia. Enfim, ao seguir esse caminho e travar a imaginação e a criatividade das classes produtoras, a revolução russa, sob a tutela dos bolcheviques, gerou sua própria limitação até ser completamente derrotada.